

**Eugène Minkowski – Estudo psicológico e análise fenomenológica de um caso de melancolia esquizofrênica**

*Eugène Minkowski – Psychological study and phenomenological analysis of a case of schizophrenic melancholy*

Tradução de Renata Bazzo<sup>1</sup>, Revisão técnica de Andrés Eduardo Aguirre Antúnez<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, nível doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: renatabazzo@usp.br.

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: antunez@usp.br.

A tradução deste artigo para a língua portuguesa foi autorizada ao Prof. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP) pelo *Département de la reproduction da Bibliothèque nationale de France*, Paris, em 22/12/2016.

## **Resumo**

Trata-se da comunicação feita por Eugène Minkowski em 25 de Novembro, em Zurique, na 63ª Jornada Científica da Sociedade Suíça de Psiquiatria, em 1922. Essa apresentação é considerada por muitos teóricos como sendo o texto fundador da fenomenologia psiquiátrica e o primeiro exemplo de aplicação do método fenomenológico em um caso clínico. O texto é composto por quatro partes principais: as considerações a respeito da aplicação do método fenomenológico em psiquiatria; a apresentação de um caso de melancolia esquizofrênica; as observações de ordem psicológica e a análise fenomenológica do caso. Os principais conceitos utilizados por Minkowski para o estudo fenomenológico do caso clínico apresentado são a duração e o ímpeto vital pessoal.

**Palavras-chave:** E. Minkowski; método fenomenológico; ímpeto vital pessoal.

## **Abstract**

This is the communication made by Eugène Minkowski on November 25, in Zurich, at the 63rd Scientific Conference of the Swiss Society of Psychiatry, in 1922. This presentation is considered by many theorists as the founding text of psychiatric phenomenology and the first example of the phenomenological method applied in a clinical case. The text is composed of four main parts: the considerations regarding the application of the phenomenological method in psychiatry; the presentation of a schizophrenic melancholy case; the psychological observations and the phenomenological analysis of the case. The main concepts used by Minkowski for the phenomenological study of the clinical case presented are duration and personal vital impetus.

**Keywords:** E. Minkowski; phenomenological method; personal vital impetus.

## **Apresentação**

Em seu prefácio para a coletânea de textos de Minkowski, reunidas sob o título “Au-delà du rationalisme morbide” e publicada na França no fim dos anos noventa, Georges Lantéri-Laura (1997) felicita a empreitada sublinhando sua importância principalmente diante da dificuldade de acesso à obra desse autor. Naquele contexto, segundo Lantéri-Laura, grande parte dos escritos do psiquiatra encontrava-se dispersa em muitos periódicos cujo acesso tornara-se bastante incerto, mesmo dentro dos melhores centros de pesquisa. Para além da importância histórica da retomada desses artigos, estava em jogo sua relevância conceitual para psicopatologia fenomenológica. Isto porque, em muitos desses textos, Minkowski apresenta conceitos ou ideias originais não retomadas completamente em obras posteriores de maior divulgação. Esses dois aspectos justificavam, portanto, o mérito da retomada de seus escritos.

Porém, se esse estado da divulgação da obra de Minkowski mudou progressivamente na França a partir dos anos 90, estamos longe de afirmar o mesmo no cenário brasileiro. Autor decisivo para o pensamento psicopatológico no século XX, Minkowski não tem ainda nenhum de seus livros traduzido no Brasil, e muitos de seus principais artigos ainda não estão facilmente acessíveis, mesmo em outros idiomas.

Contudo, é possível observar um esforço incipiente de mudança desse quadro, principalmente nos últimos dez anos, quando traduções de artigos e capítulos de livros de Minkowski foram publicadas em importantes periódicos nacionais. É com o intuito de contribuir com a divulgação da obra desse importante autor que apresentamos ao leitor a tradução de “Estudo psicológico e análise fenomenológica de um caso de melancolia esquizofrênica”, publicado em 1923 no *Journal de psychologie normale et pathologique*. A nossa escolha por esse texto não é fortuita. Trata-se de um documento de grande valor, sobretudo por motivo histórico e conceitual.

No que se refere ao primeiro ponto, muitos autores já sublinharam que o texto escolhido representa um documento histórico de grande valor para a psicopatologia fenomenológica. É importante especificar as circunstâncias de seu aparecimento, na 63ª Jornada Científica da Sociedade Suíça de Psiquiatria, em 1922. Neste evento, após a apresentação de Minkowski, seguiu-se a apresentação “*De la phénoménologie*” de Binswanger. Juntos, os textos marcam, segundo Granger (2002), o “ato de nascença” (p. 09), ou ainda, o “marco de fundação” (Pereira, 2004, p. 126) da fenomenologia

psiquiátrica<sup>3</sup> e da primeira aplicação do método fenomenológico em um caso clínico de melancolia esquizofrênica (Saurí, 1969, p. 282). Em seu *Tratado de Psicopatologia*, publicado em 1966, Minkowski ainda considerava o caso clínico apresentado em “Estudo psicológico e análise fenomenológica” como “o caso” (p. 463), o que o levou a rerepresentá-lo quase integralmente para o leitor como um exemplo de análise fenômeno-estrutural, quarenta anos depois de sua primeira publicação.

Não bastasse esse aspecto, o texto também é valioso pela dimensão conceitual mobilizada para compor a análise. Esse conjunto nocional reflete os interesses e as influências de Minkowski bastante marcantes ao longo dos anos 1920, e cujo alcance se estende ao longo de sua obra até a década de 70. Minkowski não tarda a apresentá-los para seu leitor no texto aqui traduzido. É possível reagrupá-los em duas vertentes principais.

A primeira delas é composta pela influência da obra de Bleuler e o tema do contato vital com a realidade. Como é possível constatar no elenco de obras de Minkowski pertencentes a essa década, grande parte das publicações do período abordam a concepção de Bleuler sobre a esquizofrenia, ainda que para confrontá-la. Por exemplo, em 1921, Minkowski havia publicado o artigo “A esquizofrenia e a noção de doença mental (sua concepção na obra de Bleuler)”,<sup>4</sup> na revista *L'encéphale*. Quatro anos depois, em 1926, defende sua tese de doutorado em medicina sobre “A noção de perda do contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia”. Em 1923, publica relato de sua experiência na clínica dirigida por Bleuler, no qual faz menção aos conceitos de esquizoidia e a sintonia<sup>5</sup>, duas categorias que fundamentam a relação com a realidade e que reaparecem no texto aqui traduzido.

No texto em questão, Minkowski utiliza essas noções para compor a análise do caso no que se refere à relação de seu paciente como seus semelhantes e com a realidade a sua volta. Embora não os defina ao longo do texto, Minkowski explica a concepção de Bleuler em uma nota de rodapé bastante informativa e refere-se a elas com frequência. Em outro texto publicado no mesmo ano, encontramos a sintonia definida por ele como sendo “a faculdade de se colocar no diapásão do ambiente, de poder vibrar em uníssono

---

<sup>3</sup> Cf. Minkowski (1966) e suas considerações sobre o uso anterior do termo na obra de Jaspers.

<sup>4</sup> “La schizofrénie et la notion de maladie mentale (sa conception dans l'oeuvre de Bleuler)”, *L'encéphale*, Paris 16 (5), p. 247-257, 1921.

<sup>5</sup> “Bleulers Schizoïdie und Syntonie und das Zeiterlebnis”. *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie*. Berlin, 82, p. 212-230, 1923.

com ele; ela realiza ao mesmo tempo a unidade da personalidade. A esquizoidia, ao contrário, é a faculdade de se isolar do ambiente, de perder o contato com ele; ela tem como consequência uma contração mais ou menos ampla da síntese da personalidade humana” (1923b, p. 15). Esses dois termos recebem variações definicionais nos textos publicados nos anos seguintes, mas permanecem sendo noções importantes para a compreensão do contato vital com a realidade, principalmente em seus artigos dos anos 20 e 30.

Na análise do caso, Minkowski identifica um jogo de alternância na apresentação sintomática do paciente, em que ora ocorre o predomínio de momentos depressivos e ora momentos de interpretação delirante. Segundo sua análise, essa alternância sintomática não se daria ao acaso. Os momentos depressivos com a presença de lamentações seriam sucedâneos, por exemplo, aos eventos de tensão entre o paciente e seu médico. Desse modo, ao lançar mão de queixas, o paciente estaria tentando manter ainda algum contato com seu ouvinte, alguma sintonia com seu ambiente: “Suas queixas melancólicas, suas lamentações, de tanto se repetir, deixaram de nos comover; no entanto, elas são e permanecem a atitude de contato em nossa simbiose; elas são, no psiquismo mórbido, os últimos bastiões da sintonia”. Nesse ponto, é importante notar, evidencia-se um distanciamento da apreciação do sintoma como desordem ou excesso, passando a desempenhar uma função, ou tentativa, de reestabelecer a sintonia com o ambiente. Ressaltamos aqui que essa concepção também incidirá sobre o entendimento do autor a respeito do delírio. Segundo Minkowski, as ideias delirantes do paciente consistiriam na “tentativa de traduzir na linguagem do psiquismo de outrora a situação atípica em presença da qual se encontra a personalidade que se desagrega”. Ao longo do texto, essa concepção é reiterada em diversos momentos junto à declarada recusa a reduzir o delírio a um transtorno das representações e do julgamento.

Contudo, certamente não é Bleuler a presença mais marcante na análise do caso, mas sim Bergson. Além de subsidiar as concepções importantes de temporalidade e duração, a obra de Bergson também é a fonte da qual surge o conceito fundante para a análise do caso clínico: o *elã vital*. Conceito de difícil apreensão, ele foi exposto na obra “A evolução criadora”, de 1907, e representa uma espécie de princípio explicativo do movimento evolutivo. Nesse texto em que disserta sobre o problema da evolução e sua discordância das leituras mecanicistas e finalistas, Bergson apresenta algumas definições para o conceito de *elã original vital*, dentre elas esta: “(...) um ímpeto interior que levaria

a vida, através de formas cada vez mais complexas, a destinos cada vez mais altos.” (Bergson, 2005, p. 111). Segundo Bergson, ele seria o movimento que cria constantemente novas formas de vida, o princípio que levaria à evolução e à criação sem fim, o movimento vital inicial<sup>6</sup>.

No entanto, no texto de Minkowski, o conceito surge acrescido de um adjetivo: *elã vital pessoal*. Esse dado parece indicar a saída do debate filogenético sobre evolução em direção à análise ontogenética, aquela do estudo do caso em questão. Logo nos primeiros parágrafos, Minkowski apresenta o conceito, afirmando que fornecerá para o leitor apenas uma introdução “breve e um pouco dogmática” ao termo, de modo a prosseguir a análise do caso. Assim, ele afirma, o *elã vital pessoal* é o que “orienta nossa vida em relação ao futuro”, é também a propulsão em relação ao futuro, e que não se confunde com a vontade ou o desejo, ou com qualquer outra faculdade psíquica específica. Dessa rápida apresentação, já é possível extrair que há uma relação intrínseca entre o *elã* e a concepção de tempo vivido. Ele não só determina a relação com o vir a ser, mas também com o presente e o contato com a realidade: “O *elã pessoal* não determina unicamente nossa atitude em direção ao futuro, ele regula também nossas relações com o ambiente e participa da imagem que nós fazemos sobre ele”. Ou seja, se para Bergson o *elã vital* é energia, impulsão global da vida, nesse texto de Minkowski, ele é singular e é o que marca o sentimento, a energia afetiva em relação ao ambiente.

Ademais, o *elã* seria o fator responsável pela manutenção da síntese da personalidade. Segundo Minkowski, se a personalidade fosse comparada a um edifício, o *elã vital* seria a sua sustentação: “basta que este comece a vacilar, para que todo o edifício se torne instável e desmorone progressivamente”. Será justamente sobre essa premissa a que análise fenomenológica do caso apresentado irá se fundamentar, relacionando o abalo no *elã vital* com as manifestações sintomáticas do paciente. É a alteração do ímpeto vital e, com ela, a alteração do tempo vivido, que estarão na base das manifestações

---

<sup>6</sup> De forma bastante sumária, a tese é que a evolução não consistiria em uma série de adaptações ao meio, como proporia o mecanicismo. Embora admita que o haja adaptação, para Bergson ela não seria a “causa diretriz” da evolução. Por outro lado, o autor também diverge das teorias finalistas que supõem a harmonia no final do movimento evolutivo: “(...) se a unidade da vida está inteira no *elã* que a impele pela estrada do tempo, a harmonia não está na frente, mas atrás. A unidade vem de uma *vis a tergo*: não é posta no final como uma atração, é dada no começo como uma impulsão” (Bergson, 2005, p. 113). Dessas curtas menções, depreende-se que o *elã vital* seja esse ímpeto criador e inicial que anima a evolução, conceito central para marcar a divergência de Bergson em relação às demais teorias da evolução.

psicopatológicas apresentas. Essa é a grande tese expressa nessa comunicação de Minkowski (1922):

O problema concernente à noção do futuro seria assim apenas uma consequência da ideia delirante. É aí que reside o problema. Não existiria motivo para admitir que, ao contrário, é a perturbação concernente à nossa atitude em relação ao futuro que é de ordem mais geral e que a ideia delirante, de que falamos, é apenas uma de suas manifestações?

Assim, as ideias delirantes seriam o produto da desorientação temporal que lhe é anterior. Como bem apontou Saurí (1969), na obra de Minkowski, “o tempo vivido, o tempo como vir a ser, é o ponto de partida da psicopatologia” (p. 305).

Ainda sobre a influência de Bergson, ainda é importante dizer que, nesse texto de Minkowski, ela parece não se restringir ao aspecto conceitual. Observando os aspectos formais do texto, nota-se uma convergência entre o estilo dos dois autores; mais precisamente, naquilo que se refere à utilização de alegorias. No texto de Bergson acima referido, elas aparecem principalmente nos momentos em que o autor se refere às questões temporais de duração, evolução, processo e ritmo. Nesses momentos, encontramos a utilização de imagens para se referir à “continuidade da mudança” (2005, p. 24), como por exemplo: “Meu estado da alma, avançando pela estrada do tempo, infla-se continuamente com a duração que ele vai juntando; por assim dizer, faz bola de neve consigo mesmo” (Bergson, 2005, p. 02).

Essa característica de estilo foi sublinhada por Minkowski em pelo menos duas passagens de seu *Tratado de Psicopatologia*, como sendo a função, por assim dizer, “metafórica da linguagem”. Ele afirma que ela “constitui um sistema de referências de primeira importância, chamado a evidenciar as categorias vitais essenciais” (p. 17, 1966). Também no *Tratado*, é destacada a importância dessa função da linguagem para a expressão das questões de psicopatologia: “As *belles-lettres* situam-se frequentemente mais próximas da realidade viva do que a ‘ciência’” (p. 27, 1966).

No texto de 1923, esse recurso será utilizado algumas vezes durante a análise do caso clínico. O leitor encontrará, por exemplo, a presença da alegoria musical relacionada aos conceitos de sintonia e esquizoidia, a imagem do movimento das marés para representar as modificações psíquicas no contato com a realidade. E também, como visto acima, a figuração do edifício para referir-se à personalidade e sua desagregação.

Assim, levando em consideração a importância da função alegórica no texto de Minkowski, procuramos em nossa tradução respeitar a polissemia e o estilo da escrita de Minkowski, sem contudo perder o rigor da transcodificação lexical. Outro aspecto do texto que a tradução tentou manter foi um certo tom oral da comunicação que permaneceu mesmo na versão escrita publicada posteriormente.

Ademais, cabem aqui duas notas importantes sobre a tradução no que se refere às questões sobre decisão conceitual. Adiantamos que, nesse âmbito, a acanhada situação das traduções das obras de Minkowski para o português se faz sentir ainda mais. Isto porque ela deixa o campo de discussões a respeito do estabelecimento do vocabulário técnico desguarnecido de fundamentações e instrumentalização, principalmente no que se refere às decisões terminológicas de difícil resolução. Salientaremos aqui apenas duas delas.

A primeira refere-se ao conceito de *elã vital* pessoal, originalmente *élan vital personnel*. Embora a tradição dos estudos de Bergson no Brasil tenha, em grande medida, decidido traduzir o francês *élan vital* por “elã vital”, o mesmo não ocorre com o *élan vital personnel* de Minkowski. Mesmo nas traduções estadunidense e espanhola, não há consenso a esse respeito. A tradução espanhola opta por “impulso vital e pessoal”, enquanto a tradução estadunidense opta por “ímpeto pessoal”. Há pouca literatura a respeito dos aspectos técnicos das decisões de tradução a esse respeito. Encontramos apenas no trabalho de Urfer (2001), afirmando que a opção por “impulso vital” não seria a mais adequada, uma vez que ela falharia em “capturar a natureza contínua e duradora do elã. Elã significa mais um modo existencial que um simples impulso ou uma faculdade mental” (p. 281). De acordo com sua posição, a ideia de impulso não seria, sobretudo, muito precisa para falar do elã, uma vez que abala a concepção de sua fluidez temporal, tal como Bergson propõe. No entanto, poderíamos argumentar contra essa posição que o próprio Bergson refere-se ao elã em seu texto como sendo uma “impulsão da vida”. Em nossa tradução, decidimos pela tradução de *elã vital pessoal* por *ímpeto vital pessoal*, seguindo a tradução estadunidense. Nossa opção se deve principalmente à tentativa de manter a fluidez do texto em português.

Outro termo que está presente no texto e que mereceria um longo debate é termo francês *ambiance*. Embora aqui tenhamos optado por traduzi-lo por *ambiente*, o conceito de *ambiance* em Minkowski tem um sentido mais complexo do que a palavra em português pode inicialmente sugerir. Embora não haja no texto aqui traduzido uma

definição conceitual para *ambience*, ainda assim é possível notar que Minkowski não se refere à concepção de ambiente como mera fonte de estímulos externos. Essa objeção é feita pelo próprio autor em pelo menos dois momentos posteriores de sua obra, de forma bastante explícita. A primeira delas data de 1934, em um texto intitulado “Constituição e conflito” (p. 71). Nesse momento, o autor afirma que a personalidade modelava a *ambience* a sua imagem (1934, p. 71), dentro do jogo entre a sintonia, a esquizoidia e o devir.

No segundo momento, em seu *Tratado* (1966), Minkowski é ainda mais explícito quando afirma que os conceitos de *ambience*, *realidade* e *mundo exterior* ainda demandavam serem “melhores situados” (p. 108). Especificamente em relação à *ambience*, ele é taxativo: “Ela é, evidentemente, completamente diferente do mundo exterior, dos objetos sólidos e imutáveis que dão suporte a esse mundo, os estímulos e percepções do mundo exterior ao qual, sem razão, atribui-se frequentemente, com exclusividade, o qualificativo de “real”. A realidade vivida é completamente outra.” (p. 76, 1966). Para ele, o termo alemão de *Umwelt*, cunhado por Uexküll, seria bastante adequado para pensar o seu conceito de *ambience*, ou até mesmo a ideia de *clima* talvez fosse o sentido mais aproximado para aquilo a que ele quer se referir (p. 76).

Finalmente, esperamos que a presente tradução possa auxiliar na transmissão do pensamento e no fomento das pesquisas sobre obra de Minkowski no Brasil. E, sobretudo, esperamos que a tradução estimule não apenas o avanço nas pesquisas em psicopatologia fenomenológica como também fomente o debate sobre a tradução dos textos de Minkowski, cujo vocabulário técnico e as questões terminológicas ainda aguardam ser estabelecidos.

## Referências

- Abreu e Silva Neto, N. (2004). A Atualidade da Obra de Eugène Minkowski (1885-1972). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, vol. XXIV, núm. 2, pp. 50-62.
- Antúnez, A. E. A. & Faizibaioff1, D. S. (2014). Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando O Tempo Vivido. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 3 (1), p. 48-115.
- Bergson, H. (1907/2005). *A evolução criadora*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.
- Binswanger, L. (1922/1971). De la phénoménologie. Em L. Binswanger, *Introduction a l'analyse existentielle*. Trad. Jacqueline Verdeaux e Roland Kuhn. Paris: Ed. Minuit.
- Granger, B. (2002). Présentation. Em E. Minkowski, *Écrits Cliniques*. Ramonville Saint-Agne: Ed. Érès.
- Lantéri-Laura, G. (1997). Introduction à la pensée rigoureuse d'E. Minkowski. Em E. Minkowski, *Au-delà du rationalisme morbide*. Paris: L'Harmattan Ed., p. 09-17.
- Minkowski, E. (1923/1970). Estudio psicologico y analisis fenomenologico de un caso de melancolia esquizofrenica. Trad. Sofia Elisa Lecca. Em *Antropologia de la Alienacion*. Caracas: Ed. Monte Avila.
- Minkowski, E. (1923/1958). Findings in a case of schizophrenic depression. Trad. Barbara Bliss. Em R. May, E. Angel, H. Ellenberger (ed.), *Existence: A new dimension in psychiatry and psychology*. Nova Iorque: Basic Books.
- Minkowski, E. (1923b/2002). Impressions psychiatriques d'un séjour à Zurich. Em E. Minkowski, *Écrits Cliniques*. Ramonville Saint-Agne: Ed. Érès.
- Minkowski, E. (1927/2004). A noção de perda de contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, vol. 7, n. 2.
- Minkowski, E. (1933/2011). O tempo vivido. Primeiro Capítulo. *Revista da abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 87-100. Trad. Joanneliese de Lucas Freitas.
- Minkowski, E. (1934/2002). Constitution et conflit: Le conflit cosmique. Em E. Minkowski, *Écrits Cliniques*. Ramonville Saint-Agne: Ed. Érès.
- Minkowski, E. (1966). *Traité de Psychopathologie*. Paris: PUF.

- Minkowski, E. (1966/2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, III, 4, p. 156-164.
- Minkowski, E. (1967). O delírio. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 5(1), 2016, p. 72-85. Trad.: Janaina Bello Ghoubar.
- Pereira, M. E. C. (2004). A perda do contato vital com a realidade na esquizofrenia, segundo Eugène Minkowski. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 125-129.
- Saurí, J. (1969). *Historia de las ideas psiquiátricas*. Buenos Aires: Ed. Carlos Lohle.
- Urfer, A. (2001). Phenomenology and Psychopathology of Schizophrenia: The Views of Eugene Minkowski. *Philosophy, Psychiatry and Psychology*, 8, pp. 279–289.

## Eugène Minkowski – Estudo psicológico e análise fenomenológica de um caso de melancolia esquizofrênica

Quando abordamos o problema da aplicação do método fenomenológico<sup>7</sup> em psiquiatria, podemos, eu creio, distinguir dois modos diferentes desta aplicação. Nós podemos, em primeiro lugar, tentar estudar desta forma os fenômenos específicos de nossa ciência, como, por exemplo, aqueles da alienação mental, da esquizofrenia, da ideia delirante ou da alucinação; nós falaremos então de aplicação *direta*.

A análise fenomenológica dessas noções fundamentais traria mais clareza e precisão aos conceitos de nossa ciência.

Nós opomos ao modo direto a aplicação *indireta*. A pato-psicologia depende como um todo de noções empregadas pela psicologia normal. Esta, no entanto, está longe de ser uma ciência constituída de modo definitivo. A fenomenologia coloca novos problemas deste ponto de vista; um vasto campo de pesquisas abre-se diante de nós: talvez conseguiremos, dessa maneira, penetrar mais fundo no sutil mecanismo da personalidade humana e melhor ressaltar os fenômenos essenciais que compõem sua vida. É desse modo que, talvez, a fenomenologia nos levará um dia a elaborar novas noções. É desse modo que se colocará também o problema de saber se os fenômenos psicopáticos se deixam interpretar da perspectiva desses dados fenomenológicos obtidos na psicologia normal. Irá se tratar então de uma aplicação *indireta* da fenomenologia à psiquiatria.

A distinção que nós acabamos de fazer é evidentemente artificial, em parte. Cedo ou tarde os dois modos devem se reencontrar e levar, por sua influência recíproca, a um resultado uniforme. Aqui como alhures, os fenômenos mórbidos aprofundam nossos conhecimentos do funcionamento normal, mas não poderiam, por outro lado, ser

---

<sup>7</sup> O método fenomenológico ou simplesmente fenomenologia deve sua origem às “Investigações lógicas: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento” do Sr. Husserl, professor de filosofia em Göttingen. Seu objetivo é fazer sobressair os traços essenciais dos fenômenos que compõem nossa vida, no sentido mais amplo da palavra. A fenomenologia encontrou rapidamente um vasto campo de aplicação em todos os domínios da ciência. A escola de Munique (Scheler, Pfänder, Geiger, A. Fischer) teve primeiramente o mérito de aplicá-la aos fenômenos psíquicos, estéticos, morais e outros. Jaspers a menciona em sua Psicopatologia geral (*Allgemeine Psychopathologie*) e tenta mostrar seu papel na psiquiatria. A. Kronfeld apresenta uma revisão crítica sobre seus novos trabalhos pato-psico-fenomenológicos no *Zentralblatt für die Gesamte Neurologie und Psychiatrie*, vol. XXVIII, 1922. Finalmente, recentemente, o alienista suíço L. Binswanger ressaltou todo o alcance da fenomenologia em sua “Introdução aos problemas da psicologia geral” (*Einführung in die probleme der allgemeinen psychologie*, Berlim, Julius Springer, 1922). A Sociedade Suíça de Psiquiatria julgou o tema suficientemente interessante para o colocar na ordem do dia de sua última assembleia.

analisados sem o conhecimento deste. Enquanto isso, todavia, a distinção desses dois modos pode trazer mais ordem a nosso trabalho.

Foi a via indireta que me levou a colocar o problema que gostaria de expor hoje. Já há muitos anos, o fenômeno do tempo se tornara o objeto preferido de minhas pesquisas. Não se tratava evidentemente do tempo tal como ele participa das concepções da física moderna; era em sentido inverso que era preciso tentar abrir caminho. Não era mais questão de chegar, com ajuda de abstrações progressivas, a uma noção totalmente abstrata e espacial de tempo, mas ao contrário, recuar e voltar à fonte primeira de nossa noção do devir e do tempo. O Sr. Bergson colocara o problema da duração pura diante de nós, o método fenomenológico parecia colocar ao nosso alcance os novos meios para tentar resolvê-lo. As noções de desorientação no tempo e de avaliação da duração da qual nos servimos em psiquiatria não poderiam exaurir o fenômeno do tempo; ele é muito mais complexo e requer uma análise muito mais aprofundada. É suficiente recordar noções tais como simultaneidade, sucessão, duração de um acontecimento que se desenrola, coincidência, presente, passado, futuro e, por outro lado, os fenômenos psíquicos que se encontram em conexão direta com a noção de tempo, como: se apressar, esperar, lembrar-se, desejar, querer; é suficiente, digo, evocar todos esses diversos elementos para fazer compreender toda a complexidade do problema. Eu não posso esgotá-lo aqui. Quis indicar simplesmente como fui levado a aplicar o método fenomenológico em psicopatologia.

Eu gostaria, todavia, de introduzir aqui, de um modo breve e um pouco dogmático, a noção de ímpeto vital pessoal: é esse ímpeto que orienta toda nossa vida em direção ao futuro, ele se manifesta exteriormente não pelo movimento voluntário, mas pela obra pessoal em todas as suas nuances. Ele também tende frequentemente em direção ao ideal. Ímpeto pessoal, futuro, obra e talvez ideal estão no fundo estreitamente ligados entre si na vida humana, é somente nosso intelecto que consegue separar essas noções umas das outras e introduzi-las em seguida em conceitos diferentes. O problema do tempo nos leva assim em direção ao estudo da estrutura da personalidade humana; muitas das noções da psicologia atual se mostram então insuficientes. A personalidade humana não se deixa reduzir a uma série de sensações, de representações, de sentimentos e de vontades que se encontrariam todos sobre a mesma superfície plana; de preferência, ela se deixa comparar a um edifício de muitos andares que, em seu conjunto, é sustentado pelo ímpeto pessoal; basta que este comece a vacilar para que todo o edifício se torne instável e desmorone progressivamente. Ele se transforma primeiramente em uma casa sem telhado, em

seguida em uma casa meio arruinada, finalmente em um amontoado de pedras; essas são as diferentes etapas da desagregação da personalidade humana, talvez sejam assim também as diversas manifestações da alienação mental.

Abordo agora o assunto de minha comunicação. Um feliz infortúnio, ou antes, as vicissitudes da minha vida me obrigaram a passar dois meses próximo a um doente; eu estava constantemente, noite e dia, com ele. Não é difícil se dar conta de todos os incômodos que tal simbiose pode apresentar, mas, por outro lado, ela cria condições particulares para o observador e permite, assim, ressaltar certos fatos que escapam habitualmente a nossa atenção.

Eu serei breve no que concerne à observação clínica. Trata-se de um delírio melancólico em um homem idoso de sessenta e seis anos.

*O doente tem ideias de ruína e de culpa; sendo de origem estrangeira, ele se recrimina antes de tudo por não ter outrora optado pela França; ele vê nisso um crime sem paralelo; ele afirma também não haver pago os seus impostos. Um castigo atroz o aguarda por esses crimes; cortarão os braços e as pernas de sua esposa e de seus filhos, e eles serão em seguida expostos completamente nus em um terreno abandonado e árido; ele sofrerá sorte análoga; um prego será encravado em sua cabeça e será despejada toda a sorte de sujeiras dentro de seu ventre; depois ele será mutilado da forma mais horrível, conduzido em grande cortejo a uma exibição e condenado a viver coberto de vermes, dentro de uma jaula com feras e com ratos nos esgotos até que chegue a sua morte. Todos estão cientes de seus crimes e conhecem o castigo que o aguarda; todos os outros, com exceção de sua família, participarão disso de uma forma ou de outra; olham-no de uma forma particular na rua; os empregados são deliberadamente pagos para o vigiar e prejudicar, todos os artigos do jornal visam-no; livros foram impressos intencionalmente contra ele e os seus. O corpo médico encabeça este vasto movimento dirigido contra ele.*

*A essas ideias de perseguição vem se juntar um delírio de interpretação de extensão verdadeiramente surpreendente. É a política dos restos, como ele diz, política que foi instituída especialmente para ele. Todos os restos, todos os dejetos são reservados para serem introduzidos dentro de seu ventre posteriormente. Tudo sem exceção: quando se fuma, há a cinza, o fósforo usado e a ponta do cigarro que restou; à mesa, são as migalhas, os caroços das frutas, os ossos do frango, o vinho ou a água que restaram no fundo dos copos que o preocupam: o ovo é seu pior inimigo, como ele diz, por causa da*

*casca; é também a expressão da grande ira de seus perseguidores. Quando se costura, há as pontas dos fios e as agulhas; todos os fósforos, os cordões, as pontas de papel e de fios, os pedaços de vidro que ele vê na rua lhe estão destinados; ele lambe os pratos e coleciona botões, cordões, pequenos pedaços de papel que ele vai em seguida jogar em um canto do jardim. Em seguida vêm as unhas e os cabelos, as garrafas vazias, as cartas e os envelopes, as tiras dos jornais,<sup>8</sup> a poeira que se trouxe nos sapatos ao entrar em casa, a água dos banhos, os dejetos da cozinha, os dejetos de todos os restaurantes da França etc. Em seguida, são os legumes e as frutas apodrecidos, os cadáveres de animais e dos homens, o estrume de cavalo, a urina, as matérias fecais. Eu não posso esgotar aqui as interpretações do nosso doente; elas não conhecem limites e concernem em suma a tudo, mas absolutamente a tudo aquilo que ele vê ou que ele pensa; elas vão muito além dos dejetos propriamente ditos. Ele termina decompondo todos os objetos e afirmando que eles lhe serão colocados então dentro do ventre. Quem diz relógio, ele nos declara, diz ponteiro, engrenagem, mola, caixa, pêndulo, chave; ele deverá engolir tudo isso. Não é difícil se dar conta que, nessas condições, a menor coisa, o menor movimento sejam imediatamente interpretados como atos hostis em relação a ele.*

Assim é o quadro clínico. Ele é banal no fundo, possui um cunho especial apenas em razão da extensão, da universalidade, podemos dizer, das ideias de perseguição e das interpretações. O caráter universal dessas manifestações mórbidas é uma vantagem para nós na medida em que tentamos penetrar mais fundo na natureza de fenômenos como esses. Quando estes permanecem limitados a certos objetos ou a certas pessoas, nós procuramos em primeiro lugar uma explicação para essa circunstância. Por que o doente sente-se perseguido por tal pessoa em vez de outra? Por que ele atribui, em seu delírio, uma importância determinada a tal objeto em vez de tal outro? Eis as questões que procuramos então resolver; é o *conteúdo* da ideia delirante ou da alucinação que nos interessa; é aqui que intervêm os fatores afetivos, os complexos e o simbolismo que representam um papel tão grande na psiquiatria moderna. Em contrapartida, nos casos em que o conteúdo do fenômeno mórbido não é nem limitado, nem eletivo, mas tem uma característica universal, esses casos, digo, prestam-se muito mais ao estudo do fenômeno

---

<sup>8</sup> N.T.: As *Bandes des journaux* são tiras, feita de papel, que são passadas ao redor do jornal para enrolá-lo antes de ser enviado para os leitores.

como tal, por exemplo, o de ideia delirante, como fenômeno específico e único dentro de seu gênero.

Se o caso de nosso doente pode ser considerado como bastante banal do ponto de vista clínico, as circunstâncias nas quais tivemos a ocasião de estudá-lo estão longe de sê-lo. Eu já disse que tinha vivido com esse doente durante dois meses. Desse modo, tive a chance de acompanhá-lo no dia a dia, não em um asilo ou uma casa de saúde, mas no ambiente representado pela vida normal. A forma de reagir às excitações habituais vindas de fora, a capacidade de se adaptar às exigências da vida cotidiana, a variabilidade dos sintomas e suas nuances particulares aparecem muito mais claramente em tais condições. A essa circunstância vem se juntar outra. Não podemos conservar uma atitude médica durante 24 horas por dia, reagimos em relação ao doente como as outras pessoas de seu círculo. Compaixão, delicadeza, persuasão, impaciência e raiva se revezavam em sua aparição. É assim que, nas circunstâncias mencionadas, observamos não unicamente o doente, mas tivemos ainda a possibilidade de projetar, a quase cada instante, sua vida psíquica sobre nosso próprio psiquismo. São como duas melodias que serão tocadas ao mesmo tempo; felizmente para mim, eu não vibro em uníssono com o meu doente, nossas duas melodias psíquicas são extremamente desarmônicas; de qualquer forma certa equivalência se estabelece entre as notas de uma e de outra melodia e nos permite penetrar um pouco mais longe no psiquismo de nosso doente. Os fatos evidenciados assim são por um lado de natureza psicológica, por outro, de ordem fenomenológica.

a) **Fatos de ordem psicológica:** traçamos acima de forma muito sumária o quadro clínico do nosso doente. No entanto, o doente não apresenta invariavelmente o mesmo estado. Eu não me refiro aqui ao fato de que ele às vezes se comporta inteiramente como um indivíduo normal, participando da conversa comum, não deixando transparecer em nada o seu estado mórbido. (Essa circunstância é um dos elementos que nos auxiliam para estabelecer o diagnóstico de melancolia esquizofrênica). O que mais nos chama a atenção é que no campo dos sintomas patológicos se produzem, de acordo com as circunstâncias, variações e modificações. Assim, podemos primeiramente distinguir duas atitudes diferentes: ora é o elemento depressivo que domina, ora é antes de tudo o delirante e o interpretante que vemos diante de nós. A alternância dessas duas atitudes principais não se produz de uma forma inteiramente desordenada, ela parece, ao contrário, ser determinada, ao menos em parte, por fatores específicos e tender para um objetivo. É

aqui que se torna útil comparar as duas melodias de que falamos acima. Quase cada vez que, depois de uma cena mais ou menos violenta, se evidencia a necessidade de descontração e que eu experimento a vontade de dizer a meu parceiro: “vamos fazer as pazes”, ele reage com um acesso de melancolia simples; ele então se lamenta, fala de seus infortúnios, apela a nossa compaixão, as interpretações pouco intervêm em seus ditos. Dir-se-ia que ele vai buscar no arsenal de seus sintomas patológicos aquilo que é capaz de estabelecer um certo contato com seus semelhantes. Suas queixas melancólicas, suas lamentações, de tanto se repetir, deixaram de nos comover; no entanto, elas são e permanecem “a atitude de contato” em nossa simbiose; elas são, no psiquismo mórbido, os últimos bastiões da sintonia, como podemos dizer, nos servindo de uma expressão do Sr. Bleuler.<sup>9</sup> É completamente outra, evidentemente, em relação ao contato com o ambiente, a atitude de interpretante e delirante. Entretanto aqui, novamente, restrições devem ser feitas. Essa atitude pode se manifestar de diversos modos. Ele consegue fazer coisas completamente diferentes, do ponto de vista social, das suas ideias delirantes. O que ele faz então? Ele faz primeiramente uma conversa regular. Ele se senta ao lado de uma velha senhora que mora conosco e que está em vias de costurar: ele pergunta a ela que linha utiliza, depois onde a comprou, ele chama então a sua atenção para o fato de que, nas grandes lojas, é preciso ter uma grande reserva de carreteis de linha etc.; da mesma forma, ele inicia em seguida uma conversa sobre o consumo de cigarros. Em suma, é um diálogo comum que se desenrola então; diálogo habitualmente absurdo quanto a seu tema, na base do qual é fácil descobrir as concepções mórbidas do indivíduo, mas que mesmo assim mantém exteriormente o aspecto de uma conversa normal. Ele pode igualmente fazer uma narração; ele falará então, não de forma velada, mas de forma clara, sobre tudo o que se prepara contra ele, os erros cometidos e as penas que lhe aguardam, ele interpretará os objetos que estão a seu redor; mas falará deles sem acusar ninguém. As coisas não acontecem sempre assim. Em outros momentos, seu tom torna-

---

<sup>9</sup> Em uma dissertação recente (*Die Probleme der Schizoidie und der Syntonie. Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie*, vol. LXXVIII, 1922), Sr. Bleuler define as noções de Esquizoidia e de Sintonia; trata-se, segundo ele, de duas funções essenciais que existem em proporções variáveis em todo indivíduo e que determinam a sua atitude em relação ao seu ambiente; enquanto a sintonia refere-se à capacidade de vibrar em uníssono com este, a esquizoidia ao contrário desconecta o ser humano do contato com a realidade. Essas são duas funções essenciais que se encontram tanto no indivíduo normal quanto no alienado. Onde elas sofrem modificações patológicas, elas fazem nascer por um lado os sintomas maníaco depressivos e de outro lado as diversas manifestações da esquizofrenia. Conferir sobre esse assunto, E. Minkowski, *Impressions psychiatriques d'un séjour à Zurich, Société médico-psychologique*, dezembro, 1922.

se mais exacerbado, ele degrada seus perseguidores, fala sobre sua maldade e sobre sua crueldade, mas preserva ainda a minha pessoa e a deixa fora de suas recriminações. O contato social já está gravemente comprometido, apesar disso restam ainda alguns resquícios de ligação entre nós. Porém as coisas se deterioram ainda mais; desta vez ele me coloca diretamente em questão, ele não pode tolerar minha perfídia. Por um lado eu sou tudo o que há de mais amável com sua família, por outro, participo ativamente no complô terrível dirigido contra ele. Quando meus filhos vieram me ver, eu intencionalmente os fiz trazer uma carteira com dinheiro; agora esses soldos também lhe serão colocados dentro do ventre, era vergonhoso colocar os próprios filhos em uma maquinação tão desumana. Por fim, ele me chama de assassino e me presenteia com o nome Deibler.<sup>10</sup> Desta vez, tudo se quebrou, não resta mais que dois seres que não se compreendem absolutamente e que, desse modo, têm uma atitude hostil em relação um ao outro. Eu me zango, ele traduz sua raiva a seu modo, adotando uma atitude absolutamente antissocial; ele me acusa dos piores maus-tratos e recolhe em seguida no jardim, intencionalmente, todas as linhas e todas as pontas de fósforo que encontra.

A ideia delirante é no fundo sempre a mesma, porém ela aparece de formas diferentes, do ponto de vista social. O psiquismo mórbido não é absolutamente rígido. A alternância de sintomas, as formas diversas sob as quais eles se apresentam, estabelecem como uma corrente comum entre a vida normal e o psiquismo mórbido; é como a sucessão de marés ascendentes e descendentes, ora é calma e a atitude de contato que prevalecem, não se pode impedir de se ter esperanças. Depois as ondas sobem, tudo se quebra, nós naufragamos mais uma vez.

Ao lado dessa alternância de atitudes diversas, quanto ao contato com a realidade, constatamos em nosso doente certa atividade intelectual concernente a suas ideias delirantes. Essa atividade confere igualmente uma aparência de vida dentro das trevas de seu psiquismo mórbido. Ela tem uma característica especial. Ela persegue, em suma, o objetivo de exaurir todos os objetos que lhe serão colocados dentro do ventre. Eu tiro acidentalmente um bilhete de metrô do meu bolso: “Olhe”, diz ele, “eu não havia pensado ainda nos bilhetes”, depois ele fala dos bilhetes das ferrovias, dos bondes, dos ônibus, do metrô etc.: essa questão o ocupará durante alguns dias e retornará em seguida de tempos em tempos na forma de um breve lembrete nos seus ditos. Esse “Olhe, eu não havia ainda

---

<sup>10</sup> N.T.: Referência a Anatole Deibler, famoso carrasco francês.

pensado nisso” repete-se para cada objeto do qual ele acredita não ter se dado conta até o presente. Além disso, ele denomina, dentro do mesmo objetivo, todos os objetos que vê diante de si ou então enumera longamente todos os representantes de uma mesma classe de objetos; quando, por uma razão ou por outra, trata-se de micróbios, ele nomeia todos os micróbios que conhece: bacilo da raiva, do tifo, da cólera e da tuberculose, e assim por diante; tudo isso lhe será colocado dentro do ventre. Tão logo são os ácidos que desfilam em série: ácido clorídrico, sulfúrico, oxálico, acético, azótico, e depois isso continua no mesmo tom. Uma meta intangível e fugidia é perseguida desse modo. Como esgotar todos os objetos possíveis e imagináveis do universo? “Isso leva ao infinito”, como ele mesmo o diz. Teremos a ocasião de falar sobre isso novamente. Esta atividade não se limita às enumerações que acabamos de mencionar, um certo trabalho retrospectivo é realizado ao mesmo tempo; em um momento ele se recorda de um alçapão que se encontrava em seu antigo cabelereiro, onde se jogavam os cabelos cortados; ele pensa agora com temor quanto amontoado de cabelos deve-se ter reservado para ele. Tão logo é um jantar que eles haviam oferecido a muitos amigos que lhe retorna, ele calcula quantos ovos teriam sido usados nesse dia. A todo custo, ele gostaria de saber desde quando funciona a “política dos restos”. Ele pega um livro de Anatole France, em que encontra a frase: “ódio surdo e profundo de um povo”, isto só pode ser uma alusão a sua pessoa; quando o livro foi publicado, a decisão terrível a seu respeito já havia sido tomada. Ele pega a *Ilustração* de 1911; vê ali imagens que representam a peste na Manchúria; elas evocam estranhamente o suplício que lhe será infligido; em 1911 já se ocupavam dele e reservavam os restos.

Outros problemas mais lhe interessam e trazem uma nota mais viva à monotonia exasperante de sua ideação. Esses problemas são em parte de natureza realista. A política dos restos evidentemente acarreta despesas enormes. Deixar em seu caminho todas as pontas de linhas e todos os pedaços de vidro, removê-los em seguida, comprar todos os jornais, editar livros, quanto dinheiro tudo isto deve custar. Provavelmente se deve ter organizado uma arrecadação em toda a França e apelado aos fundos secretos do Ministério. Ele se pergunta também como farão para colocar todas as bengalas e guarda-chuvas em seu ventre; “meu raciocínio termina aqui”, ele declara. Depois encontra a solução: introduzir-se-á em seu corpo somente uma partícula de cada objeto, depois com o restante o colocarão em uma loja em uma exposição qualquer para que ele seja então a chacota do populacho.

b) *Considerações de ordem fenomenológica.* – É desta forma que se desenrola a vida cotidiana de nosso doente. Mas onde então se apresenta a decalagem de seu psiquismo em relação ao nosso? Essa questão nos leva em direção às considerações de ordem fenomenológica.

É evidente que ao primeiro exame sua vida psíquica parece completamente diferente da nossa. Em razão de suas ideias delirantes, essa diferença parece ser tão grande que estaria fora de questão qualquer correlação entre as duas; de um lado temos o ser normal; no polo oposto, o indivíduo que perdeu a sua razão e que delira. No entanto, não podemos nos contentar com tal atitude que no fundo é aquela do agnosticismo. A psiquiatria moderna deu um passo importante adiante; com a ajuda da psicologia dos complexos ela conseguiu reconduzir toda uma série de manifestações mórbidas aos fatores normais e assim torná-los compreensíveis para nós. Mas, como já havíamos dito, trata-se antes de tudo do conteúdo dessas manifestações. Aqui perseguimos um outro objetivo. De que forma penetrar mais fundo na gênese e na natureza do fenômeno mórbido como tal, por exemplo, da ideia delirante? Ela realmente não é outra coisa além de um transtorno das representações e do julgamento? Nós voltamos a nossa questão: onde se produz a decalagem do psiquismo do nosso doente em relação ao nosso?

Desde os primeiros dias de nossa vida em comum, minha atenção foi atraída pela seguinte circunstância. Em nossa chegada, o doente declara que a execução final ocorrerá certamente na próxima noite; angustiado, ele não pôde dormir e me manteve acordado. Eu me consolava, dizendo a mim mesmo que ele veria nitidamente no dia seguinte que seus temores haviam sido vãos; mas a mesma cena se repete no dia seguinte, depois de amanhã e nos dias subsequentes. Ao fim de três ou quatro dias, eu havia abandonado qualquer esperança, ele em princípio não havia mudado em nada a sua atitude. O que teria acontecido? E, bem, eu, sendo normal, tirara dos fatos observados rapidamente uma conclusão para o futuro, ele, pelo contrário, os deixou passar diante de si sem tirar deles o menor proveito para esse mesmo futuro. Agora sei que ele continuará a afirmar que será supliciado na próxima noite; ele o faz realmente sem se preocupar, desse ponto de vista, nem com o presente e nem com o passado. Meu pensamento é empírico antes de tudo, os fatos só o interessam na medida em que possa basear sobre eles a conduta futura. Essa propulsão em direção ao futuro falta inteiramente a nosso doente, não há nele nenhuma tendência a generalizar, a chegar a uma regra empírica. Quando eu digo a ele: “Vejam,

você bem poderia acreditar em mim quando afirmo que você não está ameaçado por nada, até o presente minhas previsões se realizaram sempre”, ele me responde, “Eu admito, até o presente você sempre teve razão, mas não se segue daí que você terá razão amanhã”, um raciocínio contra o qual se sente desarmado, mas que representa um problema profundo da atitude geral na vida em relação ao futuro.

Uma objeção se impõe. É evidente que, se o doente possuísse a propulsão em direção ao futuro da qual falamos, ele não teria uma ideia delirante sobre a questão da iminência do suplício. O problema concernente à noção do futuro seria assim apenas uma consequência da ideia delirante.

É aí que reside o problema. Não existiria motivo para admitir que, ao contrário, é a perturbação concernente a nossa atitude em relação ao futuro que é de ordem mais geral e que a ideia delirante, de que falamos, é apenas uma de suas manifestações? Vejamos mais perto.

Qual é então a noção de tempo do nosso doente e em que se diferencia da nossa? Essa noção se deixa precisar da seguinte maneira: ele sente os dias se sucederem em sua uniformidade e monotonia; ele sente o tempo escoar e se queixa disso: “Mais um dia se passou”, ele lamenta. Dentro dessa sucessão de dias parecidos ele estabelece uma certa periodicidade; todas as segundas-feiras limpa-se a prataria, todas as terças-feiras o cabelereiro vem para lhe cortar os cabelos, todas as quartas-feiras o jardineiro corta o capim do gramado, e assim por diante; tudo aquilo que só faz aumentar os restos que lhe estão destinados. É em suma a única ligação que ele estabelece. Nenhuma ação, nenhum desejo se traça, emanando do presente, senão ao se elevar em direção ao futuro sobre a sucessão de dias cinzentos e similares. (Estes mantêm por essa razão uma independência maior que de costume, não se desvanecendo na sensação de continuidade da vida; cada um deles emerge como onda independente do mar cinzar do devir; ela recomeça novamente a existência; o já feito, o já vivido, o já dito não intervêm mais da mesma forma em nós, isso porque o desejo de ir mais longe parece não mais existir. Todos os dias são as mesmas queixas, os mesmos dizeres em sua monotonia exasperante; dir-se-ia que, do ponto de vista das manifestações exteriores, ele perdeu inteiramente a noção de uma progressão necessária).

Assim é a marcha do tempo. Porém nosso quadro não está completo. Falta ainda um elemento essencial. O futuro encontra-se impedido pela certeza de um evento de ordem destrutiva e terrificante. Essa certeza determina toda sua atitude no presente. Toda

sua energia afetiva se fixou nesse evento inevitável. Ele lamenta-se por sua esposa e seus filhos, por causa do fim atroz que os espera. Mas isso é tudo o que ele pode fazer; na vida cotidiana, ele não está mais atualizado, não vibra em uníssono com os acontecimentos imprevistos que se apresentam. Quando se trata de pedir notícias de seu sogro que ficou doente, suas associações são curtas e todos os dias ele pergunta para a sua esposa as mesmas questões banais e não consegue ir muito além: “é todo dia o mesmo clichê”, diz sua esposa desapontada; aliás, ele mesmo se dá conta disso: “soa falso tudo aquilo que eu disse a minha mulher sobre o seu pai”. Em suma, o quadro de empobrecimento afetivo perante a realidade que nós encontramos nos esquizofrênicos.

Essa é a noção do tempo em nosso doente. Ela se parece com a nossa? Em que ela se diferencia desta? Nós experimentamos algo análogo nos momentos de desânimo e de fraqueza. A ideia da morte, esse protótipo da certeza empírica, instala-se então, barra o futuro e domina o nosso pensamento e a nossa vida; o quadro sintético do tempo se desagrega, transforma-se em uma sucessão de dias parecidos que transcorrem em uma monotonia e tristeza sem limites. Mas esses são apenas estados passageiros em nós; a vida, o ímpeto pessoal, se restabelecem, eles ultrapassam a sucessão de dias parecidos, em direção ao futuro que agora abre largamente suas portas diante de nós; nós pensamos, nós agimos, nós desejamos sobrepujando a morte que não conseguiremos contudo evitar. Somente a possibilidade de fenômenos tais como “querer fazer alguma coisa pelas gerações futuras” caracteriza claramente nossa atitude na vida em relação a essa questão. É essa propulsão em direção ao futuro que parece faltar totalmente a nosso doente e determinar sua atitude geral. Nada disso será alterado pelo fato de que, depois de certo tempo, uma vez mais calmo, ele não mais esperará o ato final todas as noites, mas presumirá datas mais longínquas, como por exemplo, o dia da Festa Nacional ou o dia do Armistício. O futuro permanecerá interditado como antes, ele edificará o presente sobre o futuro, ele não sustentará seu ímpeto vital do presente para projetá-lo em direção ao futuro cujo limite ele não conhece.

Mas no fundo, essa é a atitude de um condenado à morte, e ele se comporta assim porque tem a ideia delirante que ele e os seus serão supliciados, vocês provavelmente me dirão. Eu não sei. Eu nunca vi um condenado à morte e eu não tive a chance de estudar seu psiquismo. Eu admito de bom grado, porém, que o quadro que acabamos de traçar corresponde à ideia que fazemos daquilo que deve experimentar um condenado à morte. Mas essa ideia, não a extraímos do nosso próprio psiquismo? Não a teríamos nós porque

estamos todos, em certos momentos, condenados à morte quando nosso ímpeto vital pessoal vacila e o futuro se fecha diante de nós? Não seria possível admitir que a atitude do doente seja determinada por um abatimento mais duradouro desse mesmo ímpeto? A noção complexa do tempo e da vida se desagrega e desce para um grau inferior que todos portamos virtualmente em nós mesmos. Assim, a ideia delirante não é construída pela imaginação a partir do nada, ela se implanta sobre um fenômeno que faz parte de nossa personalidade e que entra em jogo ali onde a síntese desta se torna vacilante e ameaça desabar. A forma especial de ideia delirante, a ideia do suplício, é em suma a tentativa do pensamento, que permanece intacto, de estabelecer uma ligação lógica entre as diversas pedras do edifício que desmorona.

Vejamos se podemos considerar do mesmo modo as outras ideias delirantes de nosso doente. Começemos pelas ideias de perseguição.

O ímpeto pessoal não determina unicamente nossa atitude em direção ao futuro, ele regula também nossas relações com o ambiente e participa assim da imagem que nós fazemos sobre ele. Salientemos alguns traços essenciais deste fenômeno. Há no ímpeto pessoal um elemento de expansão; nós cruzamos os limites do nosso eu, deixamos uma marca pessoal no devir, criamos a obra que se destaca de nossa pessoa e que continua a viver sua própria vida. Ao mesmo tempo, um sentimento de ordem positiva está ligado a ele de forma íntima: é o contentamento, o prazer que acompanha todo ato realizado ou toda decisão tomada. É um sentimento em suma que marca a conclusão de uma ação intencionada ou uma solução consciente de um conflito vivido. Esse sentimento é único em seu gênero. Os inconvenientes que possam resultar de nossa conduta não se opõem a esse sentimento, tampouco as vantagens materiais e morais que podemos colher são idênticas a ele. Não intelectualizemos nossa vida psíquica, não tentemos ver por todo lado contrários simétricos. No campo do ato, o sentimento positivo de que falamos não conhece equivalente de ordem negativa. Porém, na vida, nós encontramos um fenômeno que parece se encontrar no polo oposto; é o fenômeno da dor sensorial. Ela tampouco conhece no campo de nossas sensações nem algo parecido, nem nada que possa lhe opor, ela é igualmente única em seu gênero. Ela é, ademais, do ponto de vista fenomenológico, mais do que uma simples sensação, ela é um dos elementos essenciais que determinam nossa relação com o ambiente, ela contém em si, de forma intrínseca, a noção de uma força estrangeira que atua sobre nós e a qual nós somos obrigados a nos submeter. Desse ponto de vista, igualmente, ela é claramente oposta ao caráter expansivo do ímpeto

peçoal. Agora nós não mais exteriorizamos, nós não procuramos mais deixar uma marca no mundo exterior, pelo contrário, nós nos submetemos, nós a deixamos vir a nós, com toda a sua impetuosidade, e nos fazer sofrer. A dor sensorial é desse modo uma atitude em relação ao ambiente. Passageira, instantânea por natureza, ela se instala e se torna durável ali onde ela não é mais contrabalançada pela atitude contrária, pelo ímpeto vital.

Quando este se rebaixa, o devir inteiro se precipita sobre nós e se torna ao mesmo tempo uma potência hostil que só pode nos fazer sofrer. Essa não é evidentemente uma conclusão empírica; é apenas a expressão de uma atitude essencial em relação ao ambiente; submersa geralmente por outras, ela dá uma coloração especial a todo universo assim que, em razão da desagregação da personalidade, ela se instala absoluta. “Eles me cortarão tudo, salvo o estrito necessário para sofrer”, diz a nós nosso doente, ele só conhece a dor.

É sobre esse fundo hostil que vêm se perfilar as silhuetas dos seres viventes, dos acontecimentos e das coisas. Em suma, eles são apenas a expressão deste fundo. “Tudo, tudo se vira contra mim”, lamenta nosso doente, “os fatos contrários têm para mim o mesmo significado: o silêncio em torno de mim me faz pensar no ódio surdo e profundo do povo, o barulho que lá fora fazem os trabalhadores lembra o prego que será enfiado em minha cabeça; são as coisas mais naturais que são as mais perigosas. Ah, o sistema é engenhoso e infame, basta continuar a fazer aquilo se faz habitualmente, lavar-se, escovar os dentes, comer, ir ao escritório, para que tudo isso se volte em seguida contra mim”. Tudo fala a mesma linguagem clara e precisa; branco e preto significam a mesma coisa; tudo está dirigido contra ele com o objetivo de lhe fazer sofrer.

Também aqui ele não progride do fato particular à regra geral. Sua atitude determina um quadro preciso do universo que vem em seguida refletir nos homens e nos objetos. Cada um desses não é mais conhecido por seu valor pessoal e individual, por seu alcance pragmático, não são mais que silhuetas desfiguradas, pálidas e desbotadas, que se perfilam sobre o fundo hostil. Em suma, não são os homens viventes que o perseguem; os homens foram transformados em perseguidores e não são nada além disto. Toda a complexidade da vida psíquica do ser vivente desapareceu para ele; esses são manequins esquematizados. As noções de coincidência, de acaso, de atos não intencionados, de atos inconscientes não existem mais para nosso doente; o menor fio em seu caminho foi colocado ali intencionalmente, os cavalos entram em jogo ao depositar esterco diante das janelas de seu quarto; um transeunte fuma um cigarro, é um sinal; há uma pane elétrica,

isso foi feito intencionalmente para que se acendam velas e para que haja ainda mais restos em seguida.

Seu pensamento não se detém nem mesmo diante do valor individual dos objetos; ele não distingue os contornos precisos de cada um deles. O objeto é apenas um representante do fundo sobre o qual ele se projeta; o pensamento do doente transpõe o alcance individual do objeto; ele vai imediatamente mais longe. A fita do *Figaro* que lhe é enviado, ele não a conhece como tal, ela o faz imediatamente pensar nas fitas de todos os exemplares desse jornal que são distribuídos todos os dias; depois nas fitas de todos os jornais da França; seu sogro tem bronquite e começa a expectorar; o doente fala sobre todos os escarros de todos os sanatórios para tuberculosos, depois dos dejetos de todos os hospitais. Eu me barbeio diante dele; os soldados do quartel vizinho também se barbeiam e em todo o exército se faz o mesmo. “Logo que eu faço alguma coisa”, ele nos diz, limpando-se, “eu devo pensar que quarenta milhões de habitantes fazem a mesma coisa”. Recordamos aqui igualmente a forma pela qual ele procura enumerar todos os objetos que lhe serão colocados no ventre. Talvez possamos explicar um dia, desse modo, a gênese das ideias de grandeza. O que nos interessa aqui antes de tudo é a circunstância em que o pensamento do doente perdeu a faculdade de se deter diante do sentido de cada objeto, ele desliza imediatamente para longe, vai em direção ao infinito, como ele mesmo o declara. A esfera de seus interesses imediatos é ilimitada no espaço, mas está barrada do ponto de vista futuro; a nossa, ao contrário, está limitada pelo espaço, mas não conhece limites no futuro. O ímpeto pessoal, que falta em nosso doente, ele não poderia projetá-lo nem nos homens e nem nas coisas; o alcance individual destes não existe para ele. No fim das contas, os homens e as coisas quase se confundem, falam com ele a mesma linguagem clara e precisa.

Uma outra circunstância vem confirmar isso mais uma vez. O pensamento não vai unicamente em direção ao infinito, ele decompõem todo objeto que se apresenta a ele. O relógio, como já havíamos dito, são os ponteiros, as engrenagens, os pêndulos, a chave, e todos estes são instrumentos de tortura. Ele faz o mesmo com todo objeto que vê diante de si.

Enquanto ele está agindo, sua atitude é totalmente outra, mas uma vez a ação terminada, ele recai imediatamente em suas concepções errôneas. Eu quero pesá-lo; isso o interessa: ele sobe na balança, ajusta a tara, marca corretamente seu peso, mas logo que

ele terminou a operação, ele acrescenta: “e depois a que isso serve? Essa balança não é mais que pedaços de madeira e ferro e tudo isso será colocado em meu ventre”.

É evidente que nessas circunstâncias, todo o valor que está ligado essencialmente a um objeto como a um todo individual, como por exemplo, o valor estético, não pode ser apreciado por ele; ele não pode adotar a atitude apropriada. “Veja essas rosas”, ele me diz, “minha mulher as teria achado belas, para mim é um amontoado de folhas, de pétalas, de espinhos e de hastes”.

Assim, todos os objetos se confundem e se parecem, suas diferenças, ligadas sempre à percepção do sentido individual de cada um deles, desaparece; a similaridade, ao contrário, torna-se o único ponto de vista por meio do qual eles são encarados. O pensamento procede por analogia, descobre similaridades que nos escapam normalmente, por não nenhum valor prático, e lhes atribui uma grande importância. A casa em que moramos tem o mesmo número que o sanatório em que ele permaneceu durante um ano; eu tenho um pequeno calendário de bolso que é idêntico àquele que tinha a enfermeira de lá; além disso, eu passeio pelo quarto de um lado para o outro como ela também fazia; conseqüentemente, aplica-se aqui o mesmo sistema que lá. Essas similaridades são estabelecidas com uma rapidez surpreendente, ele as percebe ali onde nós não teríamos jamais tido a ideia de ir descobri-las. Nós estamos em 13 de Julho, a véspera da Festa Nacional; sobre o calção que ele veste, é o número treze que ali está bordado que chama imediatamente sua atenção, ele estabelece a correlação com a data; sobre a camisa, ao contrário, há o número três que existe também no treze; mas este ano, como por acaso, são igualmente três dias de festas, em razão da emenda para 14 de Julho; tudo isso prova que ele e os seus serão executados no dia da Festa Nacional. Os exemplos se parecem, nós poderíamos citar centenas deles.

Eu creio que a atitude do nosso doente em relação aos homens, aos eventos e às coisas concorda com a maneira pela qual nós tentamos considerar aqui suas ideias de perseguição.

No entanto, ainda não terminamos nossa análise dessas ideias. Um fator muito importante deve ser adicionado. A atitude do doente em relação aos homens não se esgota nas relações entre perseguido e perseguidores. Estes não são unicamente as pessoas que forjaram um complô contra ele, esses são também os indivíduos que *sabem* a mesma coisa que ele; eles estão cientes de tudo, dos seus crimes tanto quanto do castigo que o espera; existe assim uma comunhão de ideias entre ele e eles. Eu sou o assassino e o carrasco

Deibler, mas ele não foge de mim; pelo contrário, minha companhia lhe é de alguma ajuda, já que eu sei as mesmas coisas que ele e assim ele pode falar livremente comigo; ele sente a necessidade, se eu me ausentei, de me comunicar as novas descobertas que ele fez durante a minha ausência. Toda objeção da minha parte é refutada pelas palavras: “Vamos, você sabe de tudo tão bem quanto eu, você o sabe melhor que eu”.

Nós chegamos agora à concepção seguinte de suas ideias delirantes. O ímpeto pessoal debilitado, a síntese da personalidade humana se desagrega como consequência; os elementos dos quais ela é composta adquirem mais independência e entram dessa forma em jogo. A noção do tempo se reduz à noção de sucessão de dias parecidos; a atitude em relação ao ambiente está determinada pelo fenômeno da dor sensorial; então não há mais nada além de mim e o universo hostil restando um em presença do outro; entre os dois vêm se intercalar os objetos do ambiente; eles são interpretados em consequência; o intelecto os traduz fazendo dos homens os perseguidores e das coisas inanimadas os instrumentos de tortura. Ao mesmo tempo, o indivíduo está apartado da comunhão de ações e de ideias com os seus semelhantes; a comunhão de ações desaparece, os laços da comunhão de ideias tornam-se assim livres. (Eu sublinho de passagem que as afirmações de alguns doentes de que todo mundo conhece ou ouve seus pensamentos sejam talvez, no fundo, apenas a expressão desses laços da comunhão de ideias, tornados livres, e que procuram um novo ponto de fixação). Os elementos da personalidade que se desagrega se reagrupam parcialmente e conseguem formar uma espécie de novo sistema: é assim por exemplo que o fenômeno da dor sensorial se une com as ligações livres da comunhão de ideia, e se manifesta junto com estas nas ideias de perseguição de nosso doente. Desse modo, as ideias delirantes não seriam mais somente os produtos de uma imaginação mórbida; elas seriam, ao contrário, a tentativa de traduzir na linguagem do psiquismo de outrora a situação atípica em presença da qual se encontra a personalidade que se desagrega.

Por mais alienado que seja nosso doente, nos parece difícil admitir que ele tenha enfiado ideias tão loucas e absurdas na cabeça como essas que ele manifesta constantemente. Não seria vantajoso para nosso pensamento admitir que na base dessas ideias encontra-se sempre um fenômeno natural, mais ou menos modificado, e que adquiriu uma independência maior em função da desagregação da personalidade? O doente tenta traduzir essa situação incomum por ideias que ele empresta de sua vida anterior. Ele chega assim às ideias delirantes. Nós, em seguida, apenas cavamos ainda

mais esse fosso ao tomar essas ideias ao pé da letra, ao projetá-las sobre nosso próprio psiquismo e ao ver nelas, dessa forma, nada mais que aberrações da imaginação, das representações e do juízo.

Eu apresento aqui apenas sugestões e problemas. No entanto, talvez seja possível continuar na mesma via e assim compreender melhor a natureza dos fenômenos que compõem a alienação mental. Eu gostaria, para terminar, de acrescentar, dentro da mesma ordem de ideias, algumas considerações ainda em relação a nosso doente.

Ele manifesta ideias de ruína. Deveríamos ver nisso uma ideia que ele colocou na cabeça? O estado de depressão explicaria por si só a gênese de tal ideia? A tristeza e o sofrimento moral podem agir sobre muitos outros objetos, parece, sem dar origem a uma concepção tão falsa e bizarra. Estaremos, talvez, mais próximos da verdade ao admitir que a ideia de ruína apenas traduz na ideiação atual um problema do fenômeno do ter, do fenômeno da propriedade. Não se trata aqui evidentemente da propriedade do ponto de vista jurídico; nós falamos do fenômeno essencial e irreduzível que consiste nisto, que nós estamos geralmente em condições de nos atribuir alguma coisa. Esse fenômeno do ter é uma parte integrante de nossa personalidade. Ele está em correlação direta com o desejo; nós não desejamos nunca aquilo que nós temos, e por outro lado a realização de um desejo incrementa de um modo ou de outro a esfera do nosso ter. O desejo ao ultrapassar sempre a esfera do ter é um dos fatores principais que estabelecem o seu limite. Quando o ímpeto pessoal e, com ele, o desejo morrem, não apenas o futuro se fecha diante de nós, mas também os limites da esfera do ter se tornam fluídos e imprecisos; o fenômeno do ter vacila igualmente, a faculdade de atribuir a si qualquer coisa se ressentido disso e não é mais exercida como antes. O indivíduo traduz esse problema de uma forma inteligível, para ele e para os outros, ao afirmar que ele não tem mais um tostão. As ideias de negação, as queixas dos doentes de não mais ter estômago, intestinos e cérebro, elas são talvez, elas também, apenas a expressão do mesmo estado de coisas.

Uma concepção análoga estende-se a respeito das ideias de culpa. Aqui também a análise dos fenômenos essenciais que compõem a personalidade humana nos fornece os dados que parecem poder esclarecer a gênese de ideias similares. Quando se trata para nós da apreciação de nosso valor pessoal, existe uma diferença significativa entre o bem e o mal. Trata-se aqui também de uma oposição assimétrica. O erro cometido, a má ação consumada, inscrevem-se de uma forma durável na consciência, deixando, é possível dizer, traços palpáveis; elas são, desse ponto de vista, de natureza estática: um olhar para

trás é suficiente para recuperá-las. O bem é de uma natureza completamente diferente, ele é apenas movimento e dinamismo; o sentido único para nós dos valores positivos produzidos, do bem realizado reside no fato de poder fazer melhor no futuro; deter-se e repousar sobre os louros, isso é um quadro puramente livresco; ele não existe na realidade; basta que se pare realmente para que os valores positivos, produzidos no passado, se esvançam como por encantamento; seu valor reside não unicamente no passado, mas também no futuro; eles no fundo são apenas etapas que atravessamos para poder fazer melhor. O melhor é inimigo do bom, diz o provérbio, talvez fosse mais justo dizer: o sentido mesmo do bom é poder ir em direção ao melhor. Toda nossa evolução pessoal consiste no desejo de superar as obras já realizadas; nós envelhecemos, as forças físicas nos abandonam, mas nós ainda somos jovens, nós queremos ir mais longe. Quando, ao contrário, a vida do espírito se esmaece, o futuro se fecha diante de nós; ao mesmo tempo a noção de valores produzidos no passado, que é uma função disso, se enfraquece; a memória permanece intacta, mas é a noção estática do mal que se estabelece soberana. Nosso doente dirá que ele é o maior criminoso do mundo e verá em todo lugar os “remorsos concretizados”.

Talvez dessa forma, ao estudar melhor os fenômenos que compõem a vida humana, chegaremos também um dia a compreender melhor as manifestações misteriosas da alienação mental. Finalizando, eu gostaria simplesmente de ter o direito de dizer: eu gostaria de poder fazer melhor um dia.

Tradução: Renata F. Bazzo Repa

Revisão técnica: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez